

John Steinbeck

RATOS E
HOMENS

tradução de
Érico Veríssimo

LIVROS DO BRASIL

I

Algumas milhas a sul de Soledad, o rio Salinas desce bem junto à vertente da colina e corre profundo e verde. A água é também morna, porque, antes de chegar ao estreito pego, desliza cintilando ao sol, sobre as areias amarelas. De um lado do rio, as douradas encostas da colina sobem numa curva até às montanhas Gabilan, fortes e rochosas, mas, do lado do vale, a água está orlada de árvores: salgueiros frescos e verdes a cada primavera, e cujas folhas inferiores retêm nas suas interseções o cisco das enchentes de inverno, sicómoros de folhas e galhos de um branco-mosqueado que se alongam e arqueiam sobre a água parada. Na margem arenosa, sob as árvores, as folhas formam um tapete tão espesso e seco que a fuga de um lagarto por entre elas provoca longa crepitação. Ao anoitecer, os coelhos saem do mato e vêm sentar-se na areia, e os baixios húmidos cobrem-se das pegadas noturnas dos guaxinins, dos cães das herdades e dos vestígios das patas fendidas dos cervos que chegam para beber no escuro.

Há um caminho através dos salgueiros e dos sicómoros, um caminho batido pelos rapazes que descem das herdades para vir nadar no pego, e trilhado pelos vagabundos que, à noitinha, deixam fatigados a estrada principal para vir acampar à beira da água. Diante do ramo horizontal e baixo de um sicómoro gigante, vê-se um monte de cinzas feito por muitas fogueiras: o tronco está gasto e polido, tantas foram as pessoas que se sentaram nele.

O anoitecer de um dia cálido pôs em movimento a brisa por entre as folhas. A sombra subiu as colinas, na direção dos cumes. Os coelhos estavam sentados, imóveis nas margens arenosas, como pequenas esculturas

de pedra cinzenta. E depois, das bandas da estrada estatal, veio o som de passos sobre as folhas secas de sicómoro. Os coelhos correram furtivos para os esconderijos. Uma garça empertigada ergueu-se pesadamente no ar e sobrevoou o rio, corrente abaixo. Por um momento, a vida como que cessou naquele recanto e depois dois homens emergiram da vereda e desceram para a clareira, junto ao pego verde.

Caminhavam em fila indiana, estrada abaixo, e, mesmo na clareira, ficaram um atrás do outro. Vestiam ambos calças e casacos de sarja de algodão azul, com botões de cobre. Ambos tinham chapéus pretos e informes e traziam às costas cobertores, num rolo apertado.

O primeiro dos homens era pequeno e vivo, moreno de rosto, de olhos inquietos e penetrantes, e traços bem marcados. Tudo nele era definido: mãos pequenas e fortes, braços delgados, nariz fino e ossudo. Atrás dele, vinha o seu oposto: um homem enorme, de cara sem forma, grandes olhos pálidos e ombros largos e caídos; caminhava vagarosamente, arrastando um pouco os pés, tal como os ursos arrastam as patas. Os braços não oscilavam, acompanhando o movimento das pernas, mas pendiam frouxos ao longo do torso.

O primeiro homem estacou na clareira e o outro quase esbarrou nele. Tirou o chapéu e enxugou-lhe a carneira com o dedo indicador, que depois sacudiu no ar, para limpá-lo das gotas de suor. O seu enorme companheiro deixou cair o rolo dos cobertores, atirou-se ao chão, de borco, e começou a beber à superfície do pego verde; bebia em grandes goles, resfolegando na água como um cavalo. O homenzinho aproximou-se dele em passadas nervosas.

— Lennie! — disse, secamente. — Lennie, por amor de Deus, não bebas dessa forma.

O outro continuava a refocilar ruidosamente no charco. O camarada inclinou-se para ele e sacudiu-o pelos ombros.

— Lennie. Vais ficar doente, como a noite passada.

Com chapéu e tudo, Lennie mergulhou toda a cabeça na água e depois sentou-se na margem. A água gotejava do chapéu para o casaco azul e escorria-lhe pelas costas.

— Como é bom! — disse. — Bebe um pouco, George. Bebe um gole bem grande. — Sorriu com ar feliz.

George desafivelou a mochila e pousou-a suavemente na areia.

— Não sei se essa água é boa. Parece ter espuma...

Lennie meteu a manípula na água e, agitando os dedos, fê-la erguer-se em pequenos salpicos. Os círculos alargaram-se no pego, indo até ao outro lado e depois de novo voltaram. Lennie observava-lhes os movimentos.

— Olha, George. Olha o que eu fiz.

George ajoelhou-se à beira do pego e bebeu no côncavo da mão, em goles rápidos.

— Pelo gosto, é boa — admitiu. — Mas não parece água corrente. Nunca debes beber água parada, Lennie — acrescentou com ar desencorajado. — Quando estás com sede, és capaz de beber até na sarjeta.

Atirou uns borrifos de água ao rosto e esfregou com a mão ambas as faces, a testa e o pescoço. Depois, tornou a pôr o chapéu, afastou-se um pouco da beira da água, ergueu os joelhos e enlaçou-os. Lennie, que estivera a observá-lo, imitou o amigo em todos os seus gestos. Recuou, levantou os joelhos, abraçou-os e olhou para George, a fim de ver se o imitara bem. Puxou um pouco o chapéu sobre os olhos, como o outro fizera.

George contemplava melancolicamente a água. O clarão do Sol avermelhara-lhe os bordos das pálpebras.

— Podíamos ter ido direitos à herdade — disse, colérico —, se aquele maldito condutor soubesse o que estava a dizer. «Só mais uma tirada depois da estrada principal», afirmou. «Só uns minutos!» Qual! Quase quatro milhas, isso é que é! O homem não queria parar à entrada da herdade, esta é que é a verdade. Só por preguiça, o malvado! Sempre queria saber se parará ou não em Soledad. Pôs-nos fora do autocarro e disse: «Só uma tirada, estrada abaixo.» Aposto como são *mais* de quatro milhas. Que calor!

Lennie lançou um olhar tímido na direção do amigo.

— George? ...

— Hem? Que é que queres?

— Aonde é que vamos, George?

O homenzinho deu um puxão na aba do chapéu e olhou para Lennie com o cenho franzido.

— Então já te esqueceste? Tenho de te dizer de novo, não é? Jesus! Que tipo idiota!

— Esqueci-me — disse Lennie, mansamente. — Fiz por não esquecer. Por Deus que fiz, George.

— Está bem, está bem. Vou dizer-te de novo. Não tenho nada que fazer. Até podia passar todo o tempo a dizer-te as coisas para depois tu te esqueceres e eu ser obrigado a dizer de novo.

— Fiz força, muita força, mas de nada valeu. Eu lembro-me dos coelhos, George.

— Os coelhos que vão pro diabo! É só do que te lembras é desses bichos. Está bem. Escuta agora e desta vez não deves esquecer, para evitar sarilhos. Lembras-te de quando estavas sentado naquela sarjeta da Howard Street, a olhar para aquela lousa?

Um sorriso delicioso iluminou o rosto de Lennie.

— Claro, George, claro que me lembro... mas... que foi que nós fizemos depois? Lembro-me de umas raparigas que passaram e tu disseste... tu disseste...

— Diabo! Pouco importa o que eu disse. Lembras-te de que fomos à agência Murray and Ready's e que nos deram cartas de trabalho e bilhetes para o autocarro?

— Oh, George, claro que me lembro! Agora me lembro, sim.

Meteu bruscamente as mãos nos bolsos laterais do casaco.

— George... — disse ele suavemente. — Não tenho a minha carta. Decerto a perdi.

Olhou para o chão, num desespero.

— Não ficaste com ela, meu idiota. Pensas que eu deixava que andasses com a tua?

Lennie arreganhou os dentes, num alívio.

— Eu... pensei que tinha metido a carta no bolso do casaco — disse ele tornando a procurar.

George focou nele um olhar penetrante.

— Que foi que tiraste agora do bolso?

— Não tenho nada no bolso — respondeu Lennie, astutamente.

— Bem sei. Tens é na mão. Que é que estás a esconder aí?

— Não tenho nada, George. Palavra!

— Deixa-te de histórias, passa isso para cá.

Lennie afastou de George a mão fechada.

— É só um rato, George.

— Um rato?! Um rato vivo?

— Naa... Só um rato morto, George. Não fui eu que o matei. Palavra!

Achei-o. Achei-o morto.

— Passa isso para cá!

— Oh! Deixa-me ficar com ele, George.

— *Passa isso para cá!*

A mão fechada de Lennie obedeceu lentamente. George apanhou o rato e atirou-o por cima da água, para o meio dos arbustos, na outra margem.

— Para que é que queres um rato morto?

— Ora, podia fazer-lhe festas com o dedo, enquanto nós caminhávamos.

— Bom... Pois não precisas de acariciar rato nenhum enquanto andas comigo. Sabes agora aonde vamos?

Lennie ficou com um ar espantado e depois, num embaraço, escondeu o rosto contra os joelhos.

— Esqueci de novo.

— Jesus Cristo! — disse George resignadamente. — Está bem... Olha, vamos trabalhar numa herdade como aquela do Norte, de onde viemos.

— Do Norte?

— A de Weed.

— Ah, sim. Lembro-me. A de Weed.

— A herdade para onde vamos fica lá em baixo, a mais ou menos um quarto de milha. Vamos entrar e procurar o patrão. Agora, escuta... Eu entrego as cartas de trabalho, mas tu vais ficar calado, ouviste? Fica

parado e não digas nada. Se ele descobrir o imbecil que tu és, não conseguiremos emprego, mas se te vir a trabalhar antes de ouvir a tua voz, estamos garantidos. Compreendeste?

— Claro, George. Claro que compreendi.

— Muito bem. Agora, quando formos ver o patrão, que é que vais fazer?

— Eu ... Eu ... — começou Lennie, pensativo. O rosto mostrava-se-lhe tenso de tanto pensar. — Eu ... eu não direi nada. Só ficar parado...

— Isso, rapaz! Lindo! Diz isso duas ou três vezes, para ficares certo de que não te esquecerás.

Lennie murmurou suavemente, para si mesmo:

— Eu não direi nada ... Eu não direi nada ... Eu não direi nada ...

— Está bem. E também não farás asneiras, como da última vez, em Weed.

— Como da última vez, em Weed? — perguntou Lennie, intrigado.

— Oh, então já te esqueceste também, não é assim? Bom, não te vou lembrar. Tenho medo que tornes a fazer o mesmo.

Uma luz de inteligência raiou no rosto de Lennie.

— Eles puseram-nos fora de Weed — explodiu ele, triunfante.

— Não nos puseram fora, coisa nenhuma! — repetiu George com repugnância. — Nós é que fugimos. Eles saíram atrás de nós, mas não nos agarraram.

Lennie soltou uma convulsiva risada de felicidade.

— Eu não me esqueci disso, garanto.

George estendeu-se na areia e cruzou as mãos debaixo da cabeça. Lennie imitou-o, erguendo a cabeça para ver se estava a fazer bem as coisas.

— Santo Deus, como me dás trabalho! — disse George. — Se não andasses agarrado ao rabo do meu casaco, tudo podia ser lindo e fácil para mim. Podia viver bem e ter talvez uma mulher.

Por momentos, Lennie permaneceu quieto, ali deitado; depois, cheio de esperança, disse:

— Nós vamos trabalhar numa herdade, George.

— Muito bem. Tu compreendeste... Mas vamos dormir aqui, porque tenho as minhas razões para isso.

O dia agora morria depressa. Apenas o cume das montanhas Gabilan estava incendiado pela luz do Sol, que descera para o vale. Uma cobra-d'água ondulou no pego, a cabeça erguida como um pequeno periscópio. Os juncos agitavam-se levemente, na corrente. Longe, para as bandas da estrada principal, um homem gritou alguma coisa e outro respondeu. Os ramos do sicómoro fremiram a uma brisa suave, que logo desapareceu.

— George... porque não vamos para a herdade comer alguma coisa? Lá dão jantar.

George rolou o corpo e ficou deitado de lado.

— Não te direi porquê. Gosto disto aqui. Amanhã, vamos trabalhar. Quando descemos, vi máquinas debulhadoras. Isso quer dizer que temos de carregar sacos de cereais até rebentar as tripas. Quero ficar aqui estendido esta noite, olhando pro céu. Eu gosto disto.

Lennie pôs-se de joelhos e olhou para o amigo.

— Não comemos nada?

— Claro que comemos, se fores buscar uns galhos secos. Tenho três latas de feijão em conserva na minha mochila. Prepara o fogo. Quando acabares de amontoar os gravetos, dou-te um fósforo. Depois, vamos aquecer o feijão para comermos.

— Gosto de feijão com molho de tomate.

— Bom, mas não temos molho de tomate. Vai buscar a lenha. E não fiques parado por aí. Em breve estará escuro.

Lennie ergueu-se pesadamente e desapareceu no matagal. George deixou-se ficar onde estava, a assobiar em surdina. Ouvia-se um chape-chape no rio, lá para os lados onde Lennie se havia sumido. George parou de assobiar e ficou à escuta. «Pobre animal», sussurrou suavemente. E continuou a assobiar.

Passado um momento, Lennie voltou ruidosamente por entre as moitas. Trazia na mão um pequeno ramo de salgueiro. George ergueu o busto e ficou sentado.

— Bom — disse bruscamente. — Dá-me esse rato!